

Sob pressão, Joe Biden desiste de ser candidato e apoia vice contra Trump

Biden desiste de candidatura à Casa Branca e endossa vice Kamala Harris

Com saúde questionada, presidente não resiste à pressão interna para deixar disputa após gafes

Fernanda Perrin

WASHINGTON A pouco mais de três meses da eleição, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, 81, anunciou neste domingo (21) que não será mais candidato à reeleição. Ele não resistiu à intensa pressão interna do Partido Democrata pela sua saída, que começou após o desastroso desempenho no debate realizado no fim de junho e não arrefeceu mesmo após várias tentativas do presidente de assegurar apoiadores e eleitores de que tinha condições de derrotar Donald Trump.

O anúncio foi feito por meio de carta publicada nas redes sociais do presidente. Biden disse que vai explicar melhor sua decisão em um pronunciamento à nação nesta semana. O presidente, em seguida, endossou sua vice, Kamala Harris, para ser a candidata democrata na eleição de novembro.

"Acredito que é o melhor para o meu partido e para o meu país que eu desista e me concentre apenas em completar meus deveres como presidente pelo restante do meu mandato", afirmou o democrata.

A decisão foi tomada enquanto Biden está isolado em sua residência em Rehoboth Beach (Delaware) para se recuperar da Covid-19. Na noite de sábado, o presidente trabalhou com assessores próximos na nota em que anunciaria a decisão e a comunicou a familiares, segundo relatos na imprensa americana.

Kamala, o chefe de gabinete, Jeff Zients, e a gerente de campanha, Jen O'Malley Dillon, ficaram sabendo da desistência apenas neste domingo. O restante de seus assessores da Casa Branca foram avisados em uma ligação um minuto antes de a carta ser postada. O resto do gabinete de governo ficou sabendo pelas redes sociais.

O círculo limitado de pessoas envolvidas indica a mágoa de Biden com os crescentes vazamentos à imprensa recentes e comentários sob condição de anonimato de aliados que defendiam sua saída do pleito.

As lideranças do partido no Congresso elogiaram em nota o presidente e a decisão dele de se retirar da corrida. O senador Chuck Schumer afirmou que Biden "mais uma vez colocou seu país, seu partido, e nosso futuro em primeiro lugar". "Joe, hoje mostra que você é um verdadeiro patriota e um grande americano".

Na mesma linha, o líder dos democratas na Câmara, Hakeem Jeffries, elogiou as conquistas de Biden durante sua presidência. Nenhum dos dois

congressistas endossou, até a publicação deste texto, algum nome para substituí-lo.

O anúncio gerou uma avalanche de doações para os democratas. Segundo monitoramento feito pelo New York Times, foram arrecadados mais de US\$ 30 milhões, o maior volume em um único dia desde 2020.

Já os adversários republicanos responderam ao anúncio pedindo a renúncia de Biden e acusando Kamala de ser cúmplice do declínio cognitivo do presidente. A campanha de Trump também aproveitou a notícia para pedir novas doações a apoiadores. "Joe Biden não pode sair de uma campanha para presidente porque ele é mentalmente incompetente demais e ainda permanecer na Casa Branca", afirmaram em nota Chris LaCivita e Susie Wilks,

assessores do republicano.

A campanha do presidente tentou de várias formas se recuperar do debate — Biden deu uma entrevista exclusiva para a ABC News dias depois, participou de uma entrevista coletiva após a cúpula da Otan na qual conversou diretamente com a imprensa por um horário, e fez uma série de discursos energéticos em eventos de campanha, insistindo na tese de que era a pessoa melhor posicionada para evitar uma vitória de Trump em novembro.

Mas os esforços foram marcados por problemas que agravaram as preocupações de democratas sobre a idade avançada do presidente.

O anúncio de Biden vem em um momento em que as pesquisas de intenção de voto colocavam o presidente atrás de

Trump em estados-chave como Pensilvânia, Wisconsin e Michigan, tomando mais remotas suas chances de vitória.

Também aconteceu uma semana depois da tentativa de assassinato contra Trump e logo após a convenção do Partido Republicano que oficializou o ex-presidente como candidato, eventos que energizaram a base do adversário, enquanto Biden precisou interromper a campanha para fazer isolamento social.

A decisão histórica de Biden de desistir da candidatura torna imprevisível a disputa pela Casa Branca neste ano. Democratas terão que definir uma nova chapa na convenção do partido, prevista para agosto, em Chicago. A última vez que uma convenção democrata serviu de fato para

nomear um candidato, e não apenas oficializar o vencedor das primárias, foi em 1968. O escolhido, Hubert Humphrey, perdeu para Richard Nixon.

O anúncio antecipa o fim de uma carreira política de mais de 50 anos. Aos 29 anos, Biden foi um dos mais jovens senadores eleitos na história dos EUA e, aos 77, o adversário mais velho a tomar posse.

O democrata assumiu o país após a conturbada presidência de Trump, a quem derrotou em eleição até hoje questionada, sem provas, pelo adversário. Em meio à crise da Covid, ele priorizou o combate à pandemia e a recuperação dos EUA.

Seu mandato foi marcado por feitos expressivos, como os pacotes bilionários de incentivo à transição energética e de investimentos em infraestrutura. Biden desafiou a previsão predominante entre economistas de que uma recessão era inevitável e alcançou uma das taxas de desemprego mais baixas da história.

Em contrapartida, a inflação disparou durante o seu governo, acumulando alta de quase 20%. A elevação do custo de vida foi o início do fim da lua de mel com o eleitorado.

A alta de preços somou-se o aumento da entrada irregular de imigrantes no país, alcançando níveis recordes. Cenas de caravanas vindas do México reproduzidas na TV reforçaram a imagem de fraqueza do presidente.

Biden viu ainda a eclosão de duas guerras durante seu mandato: a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022, e o conflito entre Israel e Hamas na Faixa de Gaza, iniciado em outubro de 2023. Nos dois casos, sua decisão foi manter-se fiel às alianças americanas com Kiev e Tel Aviv, decisões que tiveram custo político.

Biden havia conseguido reduzir em certa medida dúvidas sobre sua candidatura após as seguidas vitórias nas primárias e o bem avaliado discurso de Estado da União, em março.

No entanto, tornaram-se mais frequentes nas últimas semanas situações em que o presidente parece desorientado ou com dificuldade de falar. Uma das razões para sua campanha decidir antecipar o debate presidencial para antes mesmo das convenções era justamente aplacar os rumores sobre sua saúde.

O desastre de sua aparição no debate de 27 de junho acabou tendo o efeito contrário e abriu uma crise no partido, que passou a não confiar em Biden para derrotar Donald Trump, 78, em novembro.

Como funciona a escolha do candidato democrata

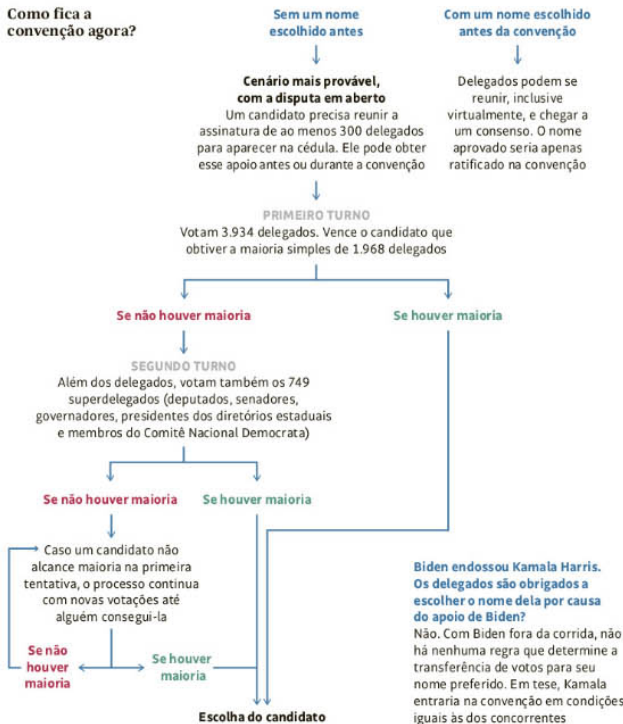
1 Primárias

O partido faz uma disputa interna por estado. O candidato mais votado leva, em cada estado, o número correspondente de delegados, membros da sigla designados para escolher oficialmente o postulante à Casa Branca

2 Convenção

Os delegados se reúnem na convenção do partido, que ocorrerá de 19 a 22 de agosto. Lá, oficializam o candidato à Presidência. Com a desistência de Biden, porém, ficam livres para escolher um novo nome

Como fica a convenção agora?



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 10